



# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



## A IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NA INFÂNCIA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DO SUJEITO

*Juliana Utrera França<sup>1</sup>*  
*juliana\_utrera812@gmail.com*

*Taila Angélica Silva<sup>2</sup>*  
*tailaangelicasilva@gmail.com*

### Resumo

Este trabalho configura-se como um estudo bibliográfico. Tem como fonte de inspiração o poema “ Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles. A fundamentação teórica está pautada nas teorias críticas da educação, tendo como fontes bibliográficas os seguintes autores: Adorno (1995), Kramer (2000) e Silva e Furlan (2021). Proponha-se uma discussão sobre a importância das experiências culturais na infância na formação crítica do sujeito, mesmo em uma sociedade capitalista que não promove este mesmo ideal. Parte do pressuposto de que a educação e a escola são os principais agentes de promoção das experiências culturais formativas e críticas durante a infância.

**Palavras chaves:** Experiências culturais. Infância. Formação crítica. Emancipação.

### Introdução

Os poemas tornam a nossa alma mais doce e sensível. Também despertam questionamentos e reflexões. Neste poema em específico “Ou isto ou aquilo”, Cecília Meireles convoca o leitor a perceber que uma escolha sempre acarretará na renúncia de outra e que não é possível estar em dois lugares ao mesmo tempo, o que é um grande desejo do imaginário infantil, alimentado pelas

<sup>1</sup> Juliana Utrera França. Universidade Estadual de Londrina

<sup>2</sup> Taila Angélica Silva. Universidade Estadual de Londrina

Organização:



Apoio:





# VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



histórias e brincadeiras de faz de conta. A escritora finaliza o poema escrevendo que mesmo após fazer duras escolhas, não consegue compreender qual é o certo, se é isto ou aquilo.

Desde crianças, somos tomados por diferentes demandas impostas pela sociedade em que estamos inseridos. Independentemente da classe social, crianças são olhadas com olhares de reprovação e correção o tempo todo, inclusive nas escolas. De acordo com Kramer (2000, p.5),

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em deixar de ser criança).

Considerando este cenário de infâncias plurais inseridas em uma sociedade governada por ideais capitalistas, proponha-se a seguinte pergunta: As experiências vividas nas infâncias, principalmente nos espaços escolares, estão formando sujeitos emancipados, autônomos e para a transformação social? Nas próximas linhas, discorre-se sobre as experiências culturais na infância, assim como o papel da escola na formação de sujeitos autônomos e emancipados.

## Desenvolvimento

*“(...) Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares.” Cecília Meireles.*

Aqui temos um impasse: quem sobe aos ares, não fica no chão, quem fica no chão não sobe aos ares. Inseridas em uma sociedade capitalista, marcada por injustiças e desigualdades sociais, nem todas as crianças têm a oportunidade de subir aos ares e mesmo que se esforcem em seus caminhos, não será possível (na maioria das vezes) atingir os níveis sociais mais altos.

Organização:



Apoio:





## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



Parafraseando Silva e Furlan (2021), vivemos e crescemos em uma sociedade capitalista. As experiências da infância são, na maioria das vezes, marcadas por rigidez, autoritarismo e expectativas do que há de ser em detrimento do que já se é.

Para promover uma educação que contemple experiências culturais e que promova atitudes emancipatórias em nossas crianças, é preciso urgentemente mudar nossa concepção sobre elas. É preciso sensibilizar o olhar e perceber o que é próprio da infância. É preciso desbanalizar as coisas cotidianas, os eventos corriqueiros e o fazer pedagógico, muitas vezes, recheado de paradigmas e métodos engessados que não valorizam o saber e a pluralidade de ideias e culturas.

*“(...) É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!” Cecília Meireles.*

Estar em dois lugares ao mesmo tempo é impossível. Lugar de criança é onde a sociedade quer. Inseridas em um contexto capitalista que atribui o resultado como fim à todas as ações, inclusive nas brincadeiras e jogos infantis, as crianças são moldadas, enquadradas e condicionadas para serem massa, sobrecarregadas com as exigências do capitalismo, que transforma tudo em consumo, inclusive as experiências e diversões.

De acordo com Silva e Furlan (2021, p.7), no período em que vivemos, *“a infância transformou-se em uma experiência singular, como uma fase que precisa ser superada e corrigida no seu processo formativo, subjugada pela racionalidade subjetiva”*.

O caminho, diante desta realidade, é buscar meios de promover práticas que incentivem a autonomia, à elaboração e articulação de ideias, a capacidade de tomar pequenas decisões no dia a dia. Para entender a diferença entre vivências e experiências culturais e como estas contribuem para a emancipação do sujeito, partimos da concepção de Kramer (2000),

Organização:



Apoio:





**VIII Seminário de Filosofia e  
Sociedade: DECOMPOSIÇÕES  
IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO  
HUMANA EM TEMPOS  
DESAFIADORES**

II Jornada Interinstitucional e  
Internacional de Educação

**19 a 21 de setembro | 2022**



(...) na

vivência, reagimos aos choques do cotidiano e a ação se esgota no momento de sua realização, por isso é finita; na experiência, o que é vivido é pensado, narrado, a ação é contada a outro, partilhada, se tornando infinita. (KRAMER, 2000, p.10)

Considerando que estamos inseridos em uma sociedade cada vez mais voltada para as demandas capitalistas de consumo e resultados, como nós, educadores, podemos propor experiências culturais mais significativas dentro de sala de aula? Experiências que realmente valorizem o pensar e a expressão do pensamento, o diálogo e a partilha.

Para Adorno (1995), a escola é o grande espaço de emancipação, é nela que a criança tem acesso às diferentes experiências culturais, tendo a oportunidade de emancipar-se, tornar-se autônoma e fazer suas próprias escolhas. Para ele, a escola pode promover a emancipação desde a pré-escola, por meio de uma formação diferenciada e múltipla em todos os níveis de ensino. *“Resgato, portanto, o sentido de cultura como formação cultural e entendo experiência formativa como sendo necessariamente crítica, de indignação, resistência e emancipação” (Kramer 2000 apud Adorno, 1995).*

### **Considerações finais**

Conclui-se então que as experiências culturais da infância, principalmente aquelas vivenciadas na escola, espaço de educação formal, podem e devem contribuir para uma formação crítica e emancipatória, que desperte não apenas autonomia, mas valores como: solidariedade, generosidade, indignação contra as desigualdades e injustiças sociais, consciência social e coletiva e a capacidade de enfrentamento e resistência aos ideais capitalistas voltados para o consumo e a coisificação das pessoas e relações.

É preciso resgatar a aptidão à experiência, pois é por meio do experienciar que o sujeito se torna autônomo e capaz de pensar, refletir e criticar a realidade posta, promovendo assim pessoas emancipadas e uma sociedade

Organização:



Apoio:



mais



## VIII Seminário de Filosofia e Sociedade: DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS DA CONDIÇÃO HUMANA EM TEMPOS DESAFIADORES

II Jornada Interinstitucional e Internacional de Educação

19 a 21 de setembro | 2022



democrática. *"Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nessa medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação"* (ADORNO, 1995, p. 164).

Sendo assim, deve-se desenvolver práticas de respeito à infância e a compreensão da criança como sujeito de direitos, que também produz cultura e não apenas como aquele que a recebe. É preciso valorizar o dia a dia na escola e o trabalho pedagógico, não apenas reproduzir práticas descontextualizadas, mas propor projetos que realmente impactem na vida e formação dos educandos. Apenas com um olhar mais sensível sobre as experiências culturais na infância é que poderemos contribuir para o processo de emancipação das mesmas.

### Referências

ADORNO, Theodor W. **Emancipação e educação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

FURLAN, R. MARTA. SILVA, S. ALEX. **Tempo, infância e experiência: notas no pensamento de Walter Benjamin**. Educação e Filosofia, Uberlândia, 2021.

KRAMER, S. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In: BAZÍLIO, L. C.

MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. Global Editora, 1964.

Organização:



Apoio:

